Ano 45 - Número 463 - Março de 2020

ORAÇÃO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020

Deus, nosso Pai, fonte da vida

e princípio do bem viver,

criastes o ser humano e

lhe confiastes o mundo

como um jardim a ser

cultivado com amor.

Dai-nos um coração

acolhedor para assumir

a vida como dom e compromisso.

Abri nossos olhos para ver

às necessidades dos nossos

irmãos e irmãs,

sobretudo dos mais pobres

e marginalizados.

Ensinai-nos a sentir a

verdadeira compaixão

expressa no cuidado fraterno,

próprio de quem reconhece

no próximo o rosto do vosso Filho.

Inspirai-nos palavras e ações para sermos construtores de uma

nova sociedade, reconciliada no amor.

Dai-nos a graça de vivermos

em comunidades eclesiais missionárias

que, compadecidas,

vejam, se aproximem e cuidem

daqueles que sofrem,

a exemplo de Maria, a Senhora da Conceição Aparecida, e de Santa

Dulce dos Pobres, Anjo Bom do Brasil.

Por Jesus, o Filho amado,

no Espírito, Senhor que dá a vida.

Amém!

INTENÇÃO UNIVERSAL DO PAPA

Rezemos para que a Igreja

na China persevere na

fidelidade ao Evangelho e

cresça na unidade.

INTENÇÃO DIOCESANA

Rezemos para que os membros das

pequenas comunidades sintam a

força da união e testemunhem

a alegria da fé.

PALAVRA DO PASTOR

O LENHO DA CRUZ

É Sexta-Feira. Dois carpinteiros trabalham duas peças de madeira. A encomenda é do palácio de Pilatos. No fim, pregam-nas uma cruzando a outra.

Antes do meio-dia, viriam buscá-la. Seria o instrumento de morte para um condenado. Na véspera, eles haviam entregado duas bem semelhantes. Concluído o trabalho, vão para casa sem sequer imaginar que acabavam de criar o maior símbolo da história!

Nem Fídias, nem Michelangelo, ao esculpirem mármores imortais, jamais fizeram algo que se aproximasse da universalidade daquilo.

Levantada no Calvário, aquela cruz iniciaria sua trajetória mansamente. Durante os próximos três séculos, enfrentaria a truculência dos imperadores de Roma. Vencê-los-ia um a um. Milhões de seres humanos morreriam com os olhos fixos naquilo. Em sua singeleza, seria o instrumento mais poderoso produzido pela mão humana.

Atravessaria os séculos em estandartes do Velho Mundo e romperia os mares no mastro de naus que descobririam o Mundo Novo. Seria gravado a fogo no punho das espadas e nos escudos dos cruzados. Encimaria o pórtico dos castelos. E, à sua sombra, peregrinos de todos os tempos procurariam consolação.

Seria reproduzida em ouro e prata no peito de milhões de crentes e, em mármore ou bronze, assinalaria milhões de túmulos dos que creem na ressurreição.

O Sinal da Cruz é traçado há mais de dois mil anos na cabeça das crianças, no peito dos mortos, nas mãos dos que se casam, na testa daqueles que pedem bênção. E tudo nasceu naquela tarde em Jerusalém, quando dois carpinteiros aplainavam dois simples pedaços de madeira.

Penso que a maioria das pessoas faz o Sinal da Cruz sem se dar conta do seu sentido. Não se recordam mais da experiência humana que lhe deu origem. Ajudar este gesto recobrar o sentido originário pode ser um bom elemento de catequese.

A Cruz nos purifica de nossas compreensões imaturas, insuficientes, inadequadas ou equivocadas da vida. Por ela Deus nos educa, nos limpa de nossas projeções e saca de nós nossas possibilidades maiores.

Cruz é a condição humana em que nada mais nos resta senão a boa vontade. Nenhum estímulo, nenhuma motivação, nada há que nos gratifique e nos acione. Isto é estar na cruz.

Para São Francisco de Assis, a cruz é fotografia de Deus. Sem nenhum interesse ele nos dá o sol, a chuva, as estrelas e a força que a terra tem de produzir nosso alimento. Gratuitamente e não porque nós mereçamos ou retribuamos. E, pelo Espírito Santo, aproveita de tudo para tentar nos levar a Jesus, o que constitui nossa felicidade maior.

O dia em que a vida nos parecer sem qualquer sentido e nada nos estimular ou gratificar, e nós, mesmo assim, a acolhermos como grande presente do Pai do Céu e, por isso, nos acionarmos com todo coração e toda alma no exercício de alguma competência de bem, sentiremos um pouco do que é a vida de Deus, do que é Jesus Cristo Crucificado. Redescobriremos o sentido originário de traçarmos sobre nosso corpo o Sinal da Cruz.

O ruim é que, normalmente, nessa hora, a gente pensa que Deus está se vingando de nós por termos feito algo errado. E não pensa que é a hora mais preciosa da vida, em que Ele está vendo que podemos crescer, e nos dando a chance.

Até aqui já saiu no Informativo de abril de 2014. Pois agora me ocorreu repeti-lo e acrescentar o que segue: Para São Francisco de Assis a eucaristia é o Corpo do Senhor. E, por Corpo do Senhor ele entende o abissal e incomensurável trabalho que Deus faz, desde que Adão pecou, para dizer-lhe que não está magoado. E quer aliança com ele. Nesse intento, Deus faz tudo: desde as galáxias até os grãozinhos de areia da praia e os fiapinhos de grama com um cuidado especial. O de ali mesmo, naquela coisiquinha, seduzir Adão. Para quem tem fé, não existem puras coisas. Tudo é físico-químico-biológico mais a intencionalidade de Deus de, com aquilo, seduzir Adão. Há, portanto, um fio dourado perpassando todas as coisas: a intencionalidade de Deus à busca de Adão. São Paulo diz: “Pois não quis saber outra coisa entre vós a não ser... Jesus Cristo crucificado” 1Cor 2,2. Penso que o que São Paulo diz aqui é: Pelo microscópio, posso ver as minúsculas composições das coisas, os átomos e as moléculas. Mas agora que descobri o fio dourado que perpassa tudo, microscópio, ciência é pouco para mim. É um saber até bom e útil, mas raso. Só chega a aspectos mais grosseiros das coisas. Que fica muito aquém do saber da fé. Eu posso aprender química, física, biologia e tirar nota dez. Mas não tenho mais convicção porque a ciência não vê o fio de ouro da intencionalidade de Deus. Se eu estudar outra coisa que não seja Jesus Cristo Crucificado, o faço sem convicção...!!!

DOM FREI JOÃO MAMEDE FILHO, OFMConv

Bispo Diocesano e Umuarama

EDITORIAL

A PANELA DA QUARESMA

Olá leitores e leitoras!

Na quaresma celebramos a infinita misericórdia de Cristo, por nós, para nos salvar das garras do inimigo, que quer escravizar e matar. Esse inimigo vive querendo derrubar o seguidor de Jesus, que na quaresma, se esforça para se santificar um pouco mais. Se no dia a dia luta com a vida para servir a Deus, neste tempo de penitência, sabe que tem ainda muito a melhorar.

Foi assim que o inimigo danado, querendo mostrar que os filhos e filhas de Deus não seguem as leis, quis provar isto com o comportamento de uma viúva que não teria obedecido a Deus e desprezado os seus mandamentos.

Um dia o chifrudo foi ter com Jesus e disse: “Aquela viúva que você tanto ama te traiu e comeu carne em dia proibido.”

Jesus que tudo vê, sabia que aquela mulher tinha matado a última galinha que tinha para se alimentar, por isso, comeu e deu a seus filhos, a carne daquela galinha, para matar a fome.

Satanás desafia a Jesus: “Venha e eu te mostro os ossos, a prova do crime!”

Jesus dizia: “Ela não me traiu e me ama. Vá então e me mostre à prova que tens e eu permitirei que fiques com aquela alma.”

Satanás ria, pois tinha afinal ganhado e trouxe correndo a panela com os ossos da galinha.

Jesus mandou abri-la e quando o inimigo a abriu viu que dentro da panela só tinha espinhos e escamas de peixe. Assim, ele saiu furioso e deixou aquela pobre viúva em paz.

Ele não havia contado com a grande e infinita misericórdia de Deus.

Por isso, ao ter em mãos a Revista Informativo Diocesano perceba várias mudanças que ocorreram, mas principalmente, aproveite o conteúdo com os ensinamentos propostos. Eles são feitos com carinho para ajudar você na sua caminhada de fé e conversão.

Boa leitura! Boa conversão neste tempo propício!

Pe. Carlos Alberto de Figueiredo

Diretor-Geral do Informativo Diocesano

e Diretor Geral da Rádio Inconfidência

[diretor@radioinconfidenciaam.com.br](mailto:diretor@radioinconfidenciaam.com.br)

AÇÃO EVANGELIZADORA

Acolher juntos a alegria do evangelho

O Papa Francisco, na Encíclica Alegria do Evangelho, convida todos os cristãos a promover uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria do encontro, quando afirma: “Quantos se deixam salvar por Jesus são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (EG 1). Voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho pode libertar-nos dos esquemas enfadonhos que nos aprisionam.

Somos desafiados a promover em nossas paróquias e comunidades um clima de conversão humilde e alegre a Jesus Cristo. CRIAR PEQUENOS GRUPOS para vivenciarmos um processo individual e comunitário de conversão a Jesus Cristo. E buscar no essencial do Evangelho, com a ajuda de animadores/catequistas, lideranças leigas, introduzir-nos em um dinamismo evangelizador que atua por atração.

Voltar ao encontro pessoal com Jesus Cristo. “Todos os cristãos, em qualquer lugar e situação em que se encontrem, estão convidados a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de procurá-Lo dia a dia, sem cessar” (EG 3). Reavivar a adesão total à sua pessoa e segui-Lo. Voltar junto a Jesus e viver juntos um processo de conversão individual e grupal, colaborando com Ele no projeto do reino de Deus.

Chegou o momento de entender e organizar a pequena comunidade cristã como um espaço onde a primeira medida é acolher o Evangelho de Jesus e testemunhá-lo. O momento favorável é agora que iniciamos a quaresma, caminho para a grande festa cristã: Páscoa da Ressurreição. Neste período vivamos mais intensamente nossa vida de oração e comunhão fraterna, abertos aos apelos que nos vêm da Campanha da Fraternidade, para viver e testemunhar nosso compromisso cristão na defesa da vida. Sigamos mais de perto os passos de Jesus sofredor na pessoa do irmão que sofre exclusão. Não deixemos ninguém à margem da vida digna querida por Deus para todos.

Com o tema “Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso” e o lema “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34), procuremos nos conscientizar e nos comprometermos em criar relações de mútuo cuidado entre as pessoas, na família, na comunidade, na sociedade e no planeta, casa comum. Estejamos no caminho da vida, certos de que o Senhor caminha conosco. Vamos olhar ao nosso redor e animar na caminhada quem por vezes está fraquejando. Levantemos nossa voz para anunciar que a vida é mais forte, que o amor vence a morte. Se for preciso denunciemos as maldades para ninguém ficar ferido e caído no caminho.

Que o Senhor misericordioso nos encoraje na missão para não nos fecharmos em nós mesmos e paralisados pelos medos nos afastarmos dos sofrimentos vividos pelas pessoas. Isto tudo, sabemos, só será possível se arder em nossos corações o fogo do Espírito, para trabalhar pelo Reino de Deus e sua justiça.

Deixemos que Deus nos conduza por caminhos novos, permitamos que o Senhor nos arranque de nossos horizontes, muitas vezes limitados, fechados e egoístas, para abrir-nos a seus horizontes. Estejamos abertos às surpresas de Deus, sem medo da novidade que o Espírito Santo aponta.

Pe. José Osmar Benetolli

Coordenador Diocesano da Ação Evangelizadora

benetolli@hotmail.com

FORMAÇÃO CATEQUÉTICA

MORAL CRISTÃ

Caminho para a verdadeira felicidade

O s conceitos de felicidade nos campos das ciências humanas se afunilam em um só desejo do homem: a felicidade – foi uma grande inquietação na vida de Santo Agostinho à busca de respostas para esse anseio. E, nessa busca, se deparou ao contemplar o amor de Deus como início e fim baseados nos princípios cristãos. E, ele sentiu que depende do agir coerente do homem em reconhecê-Lo como o Senhor que dirige os passos da vida e, na caminhada vai moldando-o e lapidando-o no amor até sentir saciedade das suas próprias inquietações. Entretanto, não é fácil o homem chegar a essa compreensão quando se vive em uma linha tênue entre o que é bom e o que é mau em uma sociedade relativista – onde quase tudo pode e faz-se confusão do tempo atual com o futuro. Mas, há a possibilidade de ultrapassar essas barreiras para viver no caminho da felicidade, desde que não entre no stress da velocidade midiática. O homem que caminha com retidão, espiritualidade, já tem a consciência de saber selecionar o conteúdo que interessa para o bem de si mesmo e para a sua comunidade. Somente haverá desgaste se deixar-se “viciar” em acompanhar tantas informações que se atualizam em 24 horas, praticamente, ditando um modo de vida como se fosse “tudo às pressas”.

Tempos de tantas renovações e invenções, de tecnologias de ponta que se renovam sempre estampando um novo slogan bem atraente de “bem estar”, como pano de fundo “o enaltecimento do ego”, no qual o individualismo predomina. A curiosidade pelo novo é tanto que é quase impossível viver sem conexão com o mundo, é praticamente uma norma viver on-line, o único “trabalho” é ficar de olhos fixos na tela porque muda em segundos. A maioria dos temas praticamente é ditada pelo mercado, bens para elevar o consumismo – “monstro” que ilude as pessoas com promessas de contentar os anseios de felicidade – o marketing faz bem feito isso! É um “corre-corre” na vida para ter mais coisas; um frenesi que atinge até os hábitos alimentares; as comidas fast foods são as preferidas para não perder tempo. São poucas as pessoas que não se deixam levar por esse “tsunâmi” ou resistem cair nessa armadilha por perceberem que aí está a nascente de tantas doenças.

Pior ainda, somos empurrados a mergulhar nessa turbulência, porque senão certamente seremos os “ETs” na nossa própria casa. Então, para não entrar nesse ritmo de vida, nos deparamos em uma luta para ser coerente com o ideal de vida e até com a própria crença. De tudo isso, o pior é a indiferença ao sagrado e, por consequência a banalização nos relacionamentos interpessoais. No fim de semana, em momentos de lazer nos restaurantes, o que se vê são famílias que, em vez de desfrutarem de uma conversa amorosa e alegre, cada pessoa está com um celular na mão, absorto na tela, sem perceber a beleza daquele momento. A superficialidade impera como se fosse uma fuga de penetrar em si mesmo ou de não aprender desde cedo a refletir e entender que é amado por Deus. Segundo o psicanalista Freud, o aprendizado sobre valores morais e éticos é “copiado” pela criança de 0 a 7 anos; então é tarefa da família perceber que, é nesse pouco tempo, que a criança absorverá a filosofia de vida, a religião e a empatia com o próximo e que isso repercutirá nas outras fases da vida. Momento que facilitará o entendimento que o dom da vida é uma graça recebida de Deus e que a felicidade é uma consequência dentro desse “caminhar” na vida sentindo o amor d'Ele. E, se não se aprende e não se pratica com coerência essa mensagem, quando aparecerem às frustrações ou infortúnios que, na vida são naturais, como desempregos, separações, doenças, morte na família, etc., o que nos leva a entender que aquele que aprendeu a viver “à paisana” de sua própria vida, não aprendeu a buscar os princípios divinos. Este, certamente terá um “vazio” a preencher, a paz interior será mais abalada nos momentos difíceis. E, assim buscará respostas urgentes para suprir a suas indagações em coisas efêmeras, formas rápidas e mágicas como são ofertadas em seitas, ideologias, religiões, competições, viagens e até poderá acontecer suicídios.

A Igreja mergulhada nessa realidade tenta suscitar um “emergir” por meio da mensagem cristã para formar pessoas com uma consciência de atitude coerente que possam testemunhar a sua fé no meio em que vivem. Como itinerário para essa formação, o Diretório Nacional de Catequese orienta também a formação moral que é uma educação à luz do Evangelho, para formar consciência e atitudes entrelaçadas ao espírito e projeto de vida segundo Jesus. O conteúdo moral tem como pano de fundo a coerência de vida e fé, emanado da Lei Divina, pregada por Jesus, de amorosa e não moralista. Tendo como “regra de ouro” os Mandamentos proclamados por Moisés; e as Bem-Aventuranças como fonte de felicidade, proclamada por Jesus aos seus discípulos. E, assim na evangelização em geral, os cristãos devem ater-se aos testemunhos coerentes de vida e fé para ajudar aqueles que necessitam de ajuda não só de bens materiais, como também de orientações para superarem as imposições dos tempos atuais como o relativismo, consumismo e hedonismo. E, todos caminharem juntos rumo à verdadeira felicidade, tendo como base segura a vivência no tripé das virtudes teologais: fé, esperança e caridade no meio em que vive. Tendo como farol nesse caminho: o amor a Deus e ao próximo, para que um dia cheguemos à felicidade: “o que Deus preparou para os que O amam é algo 'que os olhos jamais viram, nem os ouvidos ouviram, nem coração algum jamais pressentiu”. (1Cor 2,9)

Rita Aparecida de Oliveira

Membro da Equipe Diocesana de Catequese

IGREJA-IRMÃ

“Tudo foi feito por meio da Palavra”

(Jo 1, 3).

Irmãos e Irmãs de caminhada

Escrevo este artigo poucas semanas após a conclusão do sínodo Pan-Amazônico, em Roma, 06 – 27 de outubro 19. Tenho presente que não trabalhamos ainda - como deveríamos - a Campanha da Fraternidade sobre Políticas Públicas (2019). Já recebemos o material da nova CF: Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso. Não trabalhamos como deveríamos a exortação pós-sinodal Christus Vivit que seguiu ao sínodo da Juventude (18). E já estamos aguardando o documento final do sínodo Pan-Amazônico que tratou de Novos Caminhos para a Igreja na Amazônia e para uma Ecologia Integral.

O esforço da Igreja para responder aos múltiplos desafios do mundo pós-moderno é impressionante. Não pode haver dúvida: Esta Igreja – penso na CNBB e no Papa Francisco, em tantas conferências episcopais, organismos de leigos, grupos e movimentos – não é autorreferencial! Ela se preocupa, ativamente, com a situação da vida humana do início até o fim, com as periferias da sociedade, com a política e a ecologia, com a arte e a harmonia entre as diversas religiões e comunidades cristãs... Qual é a realidade que fica fora da atenção desta nossa Igreja? Ela joga o fermento e o sal da Palavra de Deus por toda a parte para que fermente e dê sabor a esta sociedade. Ela levanta a Palavra para iluminá-la como ilumina(va) a caminhada do Povo Eleito do Primeiro Testamento.

Às vezes, parece-me que nossa Igreja se assemelha mais à Marta da Betânia e pouco à Maria, sua irmã (Cf. Lc 10, 38ss). Quando Jesus chegou à sua casa, Marta não sossegava. Buscava uma coisa, depois outra, cortava e triturava, cozinhava e assava, temperava e degustava – preparar um banquete leva tempo. Maria, entretanto, ficava absorvida aos pés de Jesus, todo ouvido. Não deixava cair por terra nenhuma palavra (cf. 1 Sm 3, 19), não podia perder esta proximidade nem um instante.

A palavra do querido Mestre carregava dentro de si uma sabedoria de outro mundo – e, ao mesmo tempo, uma sabedoria para suportar e superar uma sofrida realidade. Palavras-chave para entrevistar a vida plena e assumir uma missão, para gerar força em meio a uma sociedade marcada pela exploração e por todo tipo de descriminação.

A Palavra de Deus – como a conhecemos – prepara para a Cruz e a Ressurreição, para as coisas difíceis e para a realidade que Deus preparou aos que O amam. Seguir a Jesus Cristo leva, infalivelmente, à cruz - e além da Cruz, à glória que não tem fim. Sejam as Campanhas da Fraternidade ou os Sínodos - nenhuma preocupação pastoral dispensa a profunda escuta da Palavra do Senhor. E para voltar ao início: Até a natureza quer “ouvir” a Palavra de Deus nas atitudes humanas. Afinal: “Tudo foi feito por meio da Palavra, e sem ela nada foi feito” (Jo 1, 3).

MATÉRIA DE CAPA

Sinais de Iniciação Cristã

já reparou como somos dependentes de sinais? É incrível o quanto usamos deles para nos comunicar, basta olhar as redes sociais, instagram, facebook, twitter, whatsapp e outras, que você vai perceber quantos símbolos traduzem sentimentos, pensamentos, decisões, dúvidas, situações diversas da nossa rotina diária. Somos dependentes dos sinais para expressar aquilo que não cabe em palavras. Basta um polegar em direção ao céu com a mão fechada que já entendemos como positivo!

Este mês quero provocar uma reflexão sobre dois dos maiores sinais de nossa fé, a Cruz e a Bíblia! Você pode se perguntar, mas, e a Eucaristia? Eu digo a você, ela é mais que um sinal, é uma Pessoa, é Jesus em carne, sangue, alma e divindade! Por isso, vamos nos deter na Cruz e na Bíblia, mesmo sabendo que é impossível traduzir em palavras tudo o que eles significam para os cristãos e toda a humanidade.

O RICA, Rito da Iniciação Cristã de Adultos, cujo objetivo é a recepção dos Sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia, para uma vivência da fé e da vida cristã. Nele existem passos a serem executados, com ritos celebrativos, símbolos, e conteúdos com o objetivo de apresentar e preparar o candidato à fé cristã e a adesão à comunidade. Uma das etapas que compõem o RICA é o Tempo de conversão (kerigma, pré-catecumenato) onde acontece a celebração de acolhida e apresentação dos candidatos à comunidade, que anota o nome no livro de registro do compromisso e recebe a cruz símbolo do seguimento a Jesus (Mc 8,34).

A cruz representa a vitória de Cristo sobre a morte e sobre o pecado, graças à cruz Ele venceu a morte em si mesma e resgatou a humanidade da condenação (I Pe 2,24).

Católicos, ortodoxos e coptas fazem o sinal da cruz, movimentando a mão direita e desenhando uma cruz sobre si mesmos, para iniciar as orações e os ritos cotidianos. Essa prática já era comum dos cristãos na época de Santo Agostinho (século V), mas nos três primeiros séculos, parece que não se representou plasticamente a cruz: preferiam as figuras do pastor, do peixe, da âncora e da pomba. A atenção para a Cruz foi crescendo a partir do sonho do imperador Constantino, em 312 (“In hoc signo vinces”, “com este sinal vencerás”), que precedeu sua vitória na Ponte Mílvia, e a descoberta da verdadeira cruz de Cristo, em Jerusalém, no ano 326, pela mãe do mesmo imperador (Helena).

As representações da cruz começaram com um Cristo glorioso, com uma longa túnica e uma coroa real: está na cruz, mas é o vencedor, o Ressuscitado, depois com a espiritualidade da Idade Média, Cristo começou a ser representado em seu estado de sofrimento e dor, e hoje assume variadas formas, na celebração sobre o altar ou perto dele, na procissão que encabeça o rito de entrada, as que colocamos em nossas casas, aquelas que os bispos usam no peitoral e o báculo pastoral do Papa, as cruzes penitenciais que os “nazarenos” usam sobre as costas nas procissões da Semana Santa, como enfeite e até como joia, que muitas pessoas usam como pingente.

O uso da cruz como símbolo religioso em tempos anteriores ao cristianismo e entre povos não cristãos pode ser considerado quase universal e, em inúmeros casos, estava relacionada a alguma forma de adoração da natureza, usada como símbolo sagrado, por exemplo, na suástica ou cruz gamada, que, em diversas religiões, em especial no hinduísmo, simboliza o fogo ou o sol (por sua rotação diária), bem como o relâmpago, e no anjkh egípcio, que é símbolo da vida.

Veja como levou tempo para a Cruz assumir este lugar de destaque em nossa fé, assim também aconteceu com a Bíblia, pois somente durante o século IV, houve maior necessidade de codificar oficialmente a Bíblia, praticamente na mesma época que a Cruz toma sentido mais concreto na vida dos cristãos. Segundo alguns historiadores a motivação para definir o cânone oficial veio do imperador Constantino, que encomendou do bispo de Constantinopla 50 cópias das Sagradas Escrituras. Sabemos que a aprovação dos livros a serem incluídos começou com o Concílio de Laodiceia, em 363, e continuou quando o Papa Dâmaso I confiou a São Jerônimo a tradução das Escrituras ao latim, em 382, ficando definitivamente estabelecida durante os Sínodos de Hipona (393) e Cartago (397). Era preciso descartar todas as obras errôneas que circulavam na época e instruir as igrejas locais sobre os livros que podiam ser lidos na Missa.

Este longo processo de reconhecimento dos sinais sagrados, Cruz e Bíblia, sempre foi guiado pelo Espírito Santo, e hoje a Igreja atesta como sagrados e canônicos os livros do Antigo e do Novo Testamento, inteiros e completos, com todas as suas partes, considerando a Deus como seu autor que utilizou de homens para escrevê-los.

Vale dizer que no RICA, durante a etapa da Preparação, uma catequese sólida dos conteúdos da fé cristã é aplicada, e em uma celebração o candidato, assumindo mais concretamente sua adesão à fé e a comunidade, recebe a Bíblia, palavra de Deus que orienta nossa vida.

Tenhamos a coragem de sinalizar ao mundo nossa opção pela Verdade, e por meio da Cruz e da Bíblia possamos viver nossa fé no Cristo Vitorioso!

Paz e Bem!

Paulo Angelo Lourenço dos Santos

COORDENADOR DO CENTRO DE ESTUDOS TEOLÓGICOS SÃO PAULO VI

CIANORTE/PR

[epauloangelo@hotmail.com](mailto:epauloangelo@hotmail.com)

JUBILEU EM AÇÃO

“Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.”

O modelo para a nossa ação é, e sempre será, a comunidade dos primeiros cristãos, perseverantes na escuta dos apóstolos, na comunhão fraterna, na partilha do pão, nas orações e na missão (At 2,42; 8,4). Trata-se de uma novidade sempre antiga, mas, ao mesmo tempo, tão atual, que nos permite tirar do tesouro coisa novas e velhas (Mt 13,52). A comunidade é o estilo de vida cristã que desejamos incansavelmente realizar” (DGAE, 125). Formar comunidades que vivam como Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária (DGAE, 129).

“A formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias, como prioridade da ação evangelizadora, oferece um referencial concreto para a conversão pastoral [...] Elas oferecem ambiente e meios para a iniciação à vida cristã e para uma formação sólida, integral e permanente. São espaços propícios para o crescimento espiritual, por meio da partilha da experiência de fé e da fidelidade a Jesus Cristo e ao seu Evangelho nos contextos em que se encontram. 'Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela' (EG, 183)” (DGAE, 36).

É importante destacar que se objetiva completar ou reavivar a Iniciação à Vida Cristã dos Adultos seguindo os passos da catequese de inspiração catecumenal (RICA). E que para tanto se faz necessário acolher a implantação extraordinária e prioritária por meio dos temas apresentados no Informativo Diocesano. E, pertencer a uma pequena comunidade é fundamental. “As pequenas comunidades eclesiais missionárias, que se formam em ruas, condomínios, aglomerados, edifícios, unidades habitacionais, bairros populares, povoados, aldeias e grupos por afinidades, devem se configurar como uma verdadeira rede, em comunhão com a Igreja local (DAp, 179)” (DGAE, 84).

São orientações na implantação do Projeto Diocesano Rumo ao Jubileu: a) Dar atenção especial ao Calendário Diocesano para implantação do processo de iniciação à vida cristã, ao compor o Calendário Paroquial. b) Permitir o ingresso de novos membros na pequena comunidade eclesial somente no tempo do Pré-catecumenato, incentivando sempre a criação de novas pequenas comunidades eclesiais. c) Continuar com a formação mensal com os Catequistas/Animadores de Pequenas Comunidades Eclesiais. Fazendo a entrega do principal material, o Informativo Diocesano. d) Repensar os tais cursos de sacramentos. Diminuir, pouco a pouco, em âmbito paroquial, sabendo que acontecerão, preferencialmente, nas e por meio das pequenas comunidades eclesiais nas CEBs/Setores, mesmo para aqueles paroquianos que ainda não pertencem a uma pequena comunidade eclesial. e) Implantar a Visitação Permanente por meio da Pastoral da Visitação. O Visitador é o referencial; responsável por uma ou duas quadras ou rua; evangelizador; discípulo missionário; atento às questões sociais da sua quadra ou rua; acolhedor; encaminhador; não necessariamente o catequista/animador. f) Criar a Comissão Paroquial da Iniciação à Vida Cristã, formada por representantes da Catequese, Liturgia, Pastoral do Batismo, Pastoral Familiar...

“[...] A paróquia atual tem a tarefa de superar a postura burocrática, desanimada e estática para fazer resplandecer a Igreja como mistério, Povo de Deus a caminho. É preciso que a comunidade seja viva, serviçal e aberta a todas as pessoas” (CNBB, Doc. 100, n.o 320).

“Pretende-se passar da catequese como mera instrução e adotar a metodologia ou processo catecumenal, conforme a orientação do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos e do Diretório Nacional da Catequese. Nesse sentido, padres, catequistas e a própria comunidade precisam de uma conversão pastoral para rever a catequese de adultos, jovens, adolescentes e crianças. É indispensável seguir os tempos e etapas do catecumenato e propor, mesmo para os membros da comunidade, uma formação catecumenal que percorra os processos da iniciação, desde o querigma e conversão, até o discipulado, a comunhão e a missão” (CNBB, Doc. 100, n.o 269).

Coordenação Diocesana da Ação Evangelizadora.

ENCONTRO RITUAL DE INICIAÇÃO DE ADULTOS

3º Anúncio Querigmático - O Pecado

1) AMBIENTAÇÃO

Colocar no ambiente uma cruz e uma vela acesa. Receber com carinho quem chega, desejando que sejam bem-vindos; acomodar e deixá-los à vontade.

Obs.: Todos os cantos são do livro: Cantos para as Comunidades.

2) RITO INICIAL

Iniciar o encontro com o Sinal da Cruz, a oração de invocação ao Espírito Santo e, logo após, rezar a oração do Papa Francisco pelo Jubileu da Misericórdia (Cf. www.iubilaeummisericordiae.va).

Oração: “Senhor Jesus Cristo, Vós que nos ensinastes a ser misericordiosos como o Pai celeste, e nos dissestes que quem Vos vê, vê a Ele. Mostrai-nos o Vosso rosto e seremos salvos. O Vosso olhar amoroso libertou Zaqueu e Mateus da escravidão do dinheiro; a adúltera e Madalena de colocar a felicidade apenas numa criatura; fez Pedro chorar depois da traição, e assegurou o Paraíso ao ladrão arrependido. Fazei que cada um de nós considere como dirigida a si mesmo as palavras que dissestes à mulher samaritana: Se tu conhecesses o dom de Deus! Vós sois o rosto visível do Pai invisível, do Deus que manifesta sua onipotência, sobretudo, com o perdão e a misericórdia: fazei que a Igreja seja no mundo o rosto visível de Vós, seu Senhor, ressuscitado e na glória. Vós quisestes que os Vossos ministros fossem também eles revestidos de fraqueza para sentirem justa compaixão por aqueles que estão na ignorância e no erro: fazei que todos os que se aproximarem de cada um deles se sintam esperados, amados e perdoados por Deus. Enviai o Vosso Espírito e consagrai-nos a todos com a sua unção para que o Jubileu da Misericórdia seja um ano de graça do Senhor e a Vossa Igreja possa, com renovado entusiasmo, levar aos pobres a alegre mensagem, proclamar aos cativos e oprimidos a libertação e aos cegos restaurar a vista. Nós Vô-lo pedimos por intercessão de Maria, Mãe de Misericórdia, a Vós que viveis e reinais com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.” Amém.

Canto: Pelos pecados, erros passados... (p. 09, n.º 15).

3) ILUMINAÇÃO BÍBLICA

Jo 8, 2-11.

Celebrando a Palavra ouvida, o Animador-catequista convida os candidatos a rezar:

T.: Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós!

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós!

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, dá-nos a paz!

4) APROFUNDANDO O TEMA

O PECADO: O QUE NOS AFASTA DE DEUS

Deus criou a terra para que o homem usufruísse dela e possuísse uma vida plena de felicidade. E assim o colocou no Jardim do Éden – o paraíso. Representava o projeto de Deus que era a obediência aos seus preceitos para viver a vida em plenitude: corresponder o amor d'Ele e viver em fraternidade. Mas tinha uma condição: o homem não podia comer o fruto de uma das árvores desse paraíso que representava o mal (o pecado). O homem, entretanto, caiu em tentação e desobedeceu às ordens de Deus. Como consequência, ele caminhou para a opressão e para a morte. Toda ordem e perfeição de tudo o que fora criado por Deus, em perfeita sintonia, ruiu diante da fraqueza e miséria humana. Deus sempre fez sua parte, entretanto, o homem não conseguiu manter-se fiel à Aliança; não correspondeu ao amor de Deus. “Pelo seu pecado, Adão, como primeiro homem, perdeu a santidade e a justiça originais que tinha recebido de Deus, não somente para si, mas para todos os seres humanos” (CIC, n.º 416).

Mesmo gozando da presença de Deus face a face, Adão usou o “seu livre arbítrio” (capacidade de tomar decisões por conta própria) para sua escolha, na qual a vontade de Deus é preterida pela vontade do próprio homem. Quando pecou, o homem virou as costas para o amor de Deus, preferiu seus próprios projetos aos projetos amorosos de Deus. Enfim, afastou-se da “fonte da vida” e, desta forma, aproximou-se da morte. Ao tomar a decisão de não depender de Deus, tornou-se soberano do seu destino e passou a sofrer todas as consequências de sua escolha. Esse “não confiar no amor de Deus e em sua sabedoria” consiste na criação do pecado que é confiar mais na própria força humana do que na força do alto (pecado original). Ele, antes “criado em um estado de santidade, o homem estava destinado a ser plenamente 'divinizado' por Deus na glória. Pela sedução do Diabo, que 'ser como Deus', mas 'sem Deus, e antes de Deus', e não segundo Deus” (CIC, n.º 398).

O pecado afasta o homem de Deus e ele se vê “nu” e sozinho, entregue às suas próprias paixões e carências. Nada além do amor de Deus pode satisfazer plenamente o homem; a falta do amor de Deus lhe corrói a alma. Sua vida torna-se pura frustração. O ser humano se sente insaciável, perde o seu alvo e nele se instala um grande vazio. Acha que tem a faculdade de determinar o que é bom e o que é mau, privilégio reservado somente a DEUS, única norma suprema à qual todas as leis e consciência dos homens devem submeter-se. Assim a simbologia apresentada e descrita em Gn 3, 7-8 sobre a nudez é a tomada de consciência do homem diante de Deus: cobrir-se com a folha da figueira representa o medo do homem depois da trágica experiência, isto é, o erro que foi descoberto ou percebido e que era necessário ocultar. Sem argumentos diante de DEUS, que já o prevenira anteriormente; tomou consciência da situação e, com medo, Adão preferiu fugir, afastar-se de Deus.

Atualmente isso acontece quando damos às costas para Deus e seu projeto de amor e deixamos de nos reconciliar com Deus e com os irmãos. Preferimos guardar rancor que perdoar. Pecamos por ações e por omissões. Assim também foi no passado, mas ao fazer essa experiência contra Deus, o homem percebe que praticara o mal. Acabou sentindo-se frustrado pela experiência amarga.

Mas, este não é o fim desta história: ao tomar consciência de que é pecador, o homem é chamado a abrir-se à conversão. Reconhecer o nosso pecado é o início da conversão e da reconciliação. “O 'sim' eterno do amor de Deus é mais forte do que o 'não' do ser humano pecador” (CNBB, Sou Católico). Em um gesto definitivo de amor incondicional a nós, Deus fez nascer do seio virginal de Maria, Jesus Cristo, Filho de Deus e nosso Salvador. Ele veio para vencer o mal de uma vez por todas e celebrar uma nova e eterna aliança entre Deus e os homens. Aliança celebrada em sua própria carne, em seu próprio sangue derramado na cruz. Em Jesus cumpre-se a promessa que Deus fez ao homem ao longo dos tempos de nunca abandonar sua criatura predileta.

“Jesus quer dizer, em hebraico, 'Deus salva'. No momento da Anunciação, o Anjo Gabriel dá-lhe como nome próprio o nome de Jesus, que exprime ao mesmo tempo sua identidade e missão. Uma vez que 'só Deus pode perdoar os pecados' (Mc 2,7), é Ele que, em Jesus, seu Filho eterno feito homem, 'salvará seu povo dos pecados' (Mt 1,21). Em Jesus, portanto, Deus recapitula toda a sua história de salvação em favor dos homens.” (CIC, n.o 430)

Depois de sua morte e ressurreição, Jesus volta para o Pai, mas antes envia sobre os Apóstolos o Espírito Santo de Deus. “É para reunir novamente todos os seus filhos - que o pecado dispersou e desgarrou - que o Pai quis convocar toda a humanidade na Igreja de seu Filho. A Igreja é o lugar em que a humanidade deve reencontrar sua unidade e sua salvação. Ela é 'o mundo reconciliado'. Ela é esse navio que 'navega bem neste mundo ao sopro do Espírito Santo com as velas da Cruz do Senhor plenamente desfraldadas'.” (CIC, n.º 845)

“As normas que nos são dadas pela Igreja sobre pontos específicos do comportamento moral devem ser observadas à luz da Lei de Cristo. É ela que nos ilumina e capacita para fazer o bem e que nos orienta no caminho do verdadeiro amor. A Lei de Cristo consiste na prática da caridade chamada a expressar-se na ternura, na mansidão, no respeito, no diálogo construtivo, na prática da justiça e na tolerância ativa.” (CNBB – Sou Católico)

5) PARTILHA FRATERNA

· Após aprofundar o tema, o que mais lhe chamou a atenção?

· Para não cair em tentação e, assim, não pecar, necessitamos da ajuda de Deus. Com as nossas próprias forças, nada podemos. E para nos ajudar, nos deu o seu próprio Filho. O que fazemos para mais conhecê-Lo e segui-Lo?

6) RITO FINAL

Bênção retirada do livro:

Caminho de Fé, p.15.

O Catequista ou Introdutor estende as mãos em direção aos candidatos e reza:

Oremos: “Senhor Deus Todo Poderoso, olhai os vossos servos e servas que são formados segundo o Evangelho de Cristo. Fazei que vos conheçam e amem, e, generosos e prontos, cumpram a vossa vontade. Dignai-vos que abram seus corações para serem preparados por esta santa iniciação e que se tornem membros ativos de vossa Igreja para que participem dos mistérios neste mundo e na eternidade. Por Cristo, nosso Senhor.”

T.: Amém!

O Animador-catequista despede os pré-catecúmenos dizendo:

Anim.: Que o Amor de Deus Pai, a Graça de Jesus, nosso Salvador, e a força libertadora do Espírito Santo nos conduza sempre.

T.: Amém!

Anim.: Vamos em paz, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

T.: Amém!

Canto: Deus enviou (p. 81, n.º 431).

4º Anúncio Querigmático - Jesus: A boa notícia

1) AMBIENTAÇÃO

Preparar uma mesa em forma de um altar com a Bíblia aberta, imagens de pessoas, a cruz e fotos. Logo na entrada, receber com alegria as pessoas que chegam e fazer com que se sintam à vontade em um ambiente fraterno e acolhedor.

2) RITO INICIAL

Traçar o Sinal da Cruz e rezar a oração de invocação ao Espírito Santo.

Canto: Cantar ou escutar e meditar partes da Música “Um Certo Galileu” de Pe. Zezinho (Cantos para as Comunidades, p. 72, n.º 393).

3) ILUMINAÇÃO BÍBLICA

Lc 4,14-21.

4) APROFUNDANDO O TEMA

JESUS: A BOA NOTÍCIA

Deus se inflamou de amor pela humanidade de tal modo que nem a ingratidão dos homens faz com que Ele recue no Seu profundo amor. Então, Deus veio a nós na Pessoa de Jesus Cristo e assumiu a natureza humana a fim de nos ensinar a amar, a viver e saborear a graça do amor do Pai. Desta forma, Jesus é Redentor, pois possibilita ao homem fazer novamente comunhão com Deus. Por isso, Jesus se torna o primeiro e maior Sacramento do Pai, isto é, o primeiro e grande sinal do amor de Deus pela humanidade.

Nota-se que nesse relacionamento Pai-Filho e o homem que toda a iniciativa parte de Deus, então, Jesus se torna a descida do Pai até nós. Deus derrama todo o seu amor na pessoa de Jesus Cristo para facilitar no máximo a nossa volta para Ele. Por meio de Jesus, Deus abre o caminho de maneira desimpedida, para que todos tenham acesso. “Pois Deus, o Pai, não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele” (Jo 3,17). Assim podemos nos maravilhar do nosso Deus, porque Ele é misericordioso. “Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco, em que Deus enviou ao mundo o seu Filho único, para que vivamos por meio d'Ele” (1Jo 4, 9). Assim sendo, podemos afirmar que a Encarnação de Jesus tem sua origem no amor de Deus pelos homens, visto que no Mistério da Encarnação o próprio Deus se entrega aos homens. Deus se faz homem e participa da natureza humana em tudo, menos no pecado. Se a obra da criação de Deus foi desvirtuada pelo pecado de Adão, a vinda de Jesus aconteceu para nos salvar e nos remir.

“O anjo anunciou aos pastores o nascimento de Jesus como sendo o do Messias prometido a Israel: 'nasceu-vos hoje, na cidade de Davi, um salvador que é Cristo, Senhor' (Lc 2,11). Desde a origem, Ele é 'Aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo' (Jo 10,36), concebido como 'santo' no seio virginal de Maria. José foi convidado por Deus a 'levar para sua casa Maria, sua esposa', grávida d'Aquele que nela foi gerado pelo poder do Espírito Santo' (Mt 1,20), para que Jesus, 'chamado Cristo', nascesse da esposa de José, na descendência messiânica de Davi” (Mt 1,16); (CIC, n.º 437). Jesus Cristo, Filho de Deus, é a Boa Nova do Pai. O homem Jesus viveu em um contexto histórico concreto, cumpriu integralmente sua missão, atendeu plenamente à vontade de Deus no seu plano de salvação.

Vinda à plenitude dos tempos, Deus mandou à humanidade Seu Filho, Jesus Cristo. Ele trouxe ao mundo o supremo dom da salvação, realizando a sua missão de Redentor, no âmbito de um processo que continuava a “pedagogia de Deus” com a perfeição e a eficácia peculiares à novidade de sua pessoa. Das suas palavras, sinais e obras, ao longo de toda a sua breve, mas intensa vida, os discípulos fizeram experiência direta da ação de Deus, muito clara nos Evangelhos: o acolhimento do outro, em particular do pobre, da criança, do pecador, como pessoa amada e querida por Deus; o anúncio genuíno do Reino de Deus como boa nova da verdade e da consolação do Pai; um estilo de amor delicado e forte, que livra do mal e promove a vida; o firme convite a uma conduta amparada pela fé em Deus, pela esperança no reino e pela caridade para com o próximo; o emprego de todos os recursos da comunicação interpessoal tais como a palavra, o silêncio, a metáfora, a imagem, o exemplo e tantos sinais diversos, como faziam os profetas bíblicos, convidando os discípulos a segui-Lo totalmente e sem nostalgias (cf. DGC, n.º 140).

“Jesus cuidou atentamente da formação dos discípulos que enviou em missão e os amparou nos inevitáveis momentos difíceis. Jesus Cristo é o 'Mestre que revela Deus aos homens e revela o homem a si mesmo; o Mestre que salva, santifica e guia, que está vivo, fala, desperta, comove, corrige, julga, perdoa e marcha todos os dias conosco, pelos caminhos da história; o Mestre que vem e que há de vir na glória'. Em Jesus Senhor e Mestre, a Igreja encontra a graça transcendente, a inspiração permanente, o modelo convincente para toda comunicação da fé.” (DGC, n.º 137)

Ao longo de sua vida terrena, os encontros de Jesus com as pessoas foram marcantes e decisivos. Ninguém jamais entrava em contato com o Mestre e saía do mesmo tamanho. O encontro com Jesus era humanizante e tornava-se graça pura. O encontro com Jesus sempre foi dom gratuito; salvação oferecida ao homem. Jesus, que existiu junto de Deus antes de todas as coisas (Jo 1,1s), age em favor do ser humano, libertando-o da ação do mal e propondo um caminho de vida e santidade.

Jesus veio ensinar o que é o Reino de Deus. Sempre foi extremamente comovido pela dor das pessoas, sofrendo com elas e interferindo para libertá-las. Na dor, era solidário e compassivo, cheio da Misericórdia de Deus, principalmente para com aqueles que mais sofriam. Dedicou-se a ensinar e cuidar dos pobres, das crianças, dos pequenos, das mulheres discriminadas, dos camponeses, dos pescadores, dos doentes, dos endemoniados, dos órfãos, assim como dos pecadores, das prostitutas, dos cobradores de impostos, enfim, de todos os marginalizados pelo sistema social ou por opções erradas de vida, inclusive os que eram, por sua condição, considerados impuros pela lei judaica. A todos ensinou a Lei do Amor.

5) PARTILHA FRATERNA

· Após aprofundar o tema, o que mais lhe chamou a atenção?

·“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos” (Jo 15,13). E como está nosso relacionamento com o nosso próximo?

6) RITO FINAL

Concluir, todos de pé, diante da cruz, rezando um trecho da Carta de São Paulo aos Efésios (Ef 1,3-10).

T.: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda bênção espiritual nos céus, em Cristo. N'Ele, Deus nos escolheu, antes da fundação do mundo, para sermos santos e íntegros diante d'Ele, no amor. Conforme o desígnio benevolente de sua vontade, Ele nos predestinou à adoção como filhos, por obra de Jesus Cristo, para o louvor e glória de sua graça, com que nos agraciou no seu bem-amado. N'Ele, e por seu sangue, obtemos a redenção e recebemos o perdão de nossas faltas, segundo a riqueza da graça, que Deus derramou profusamente em nós, abrindo-nos para toda a sabedoria e inteligência. Ele nos fez conhecer o mistério de sua vontade, segundo o desígnio benevolente que formou desde sempre em Cristo, tudo o que existe no céu e na terra.”

Animador-catequista despede os pré-catecúmenos dizendo:

Anim.: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

T.: Para sempre seja louvado!

Anim.: Em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

T.: Amém!

Rito de acolhida na Igreja templo e entrega da Cruz e da Bíblia

(RICA, n.º 73-97. Editora Paulus, 2010)

Orientações para o Animador-catequista

a) Encerrando os Anúncios Querigmáticos, o Animador-catequista deverá marcar um dia da semana para ensaiar com os pré-catecúmenos a Celebração de Acolhida que está a seguir.

b) Esta celebração do Rito de Acolhida deverá estar agendada com o Padre e a Equipe de liturgia da Paróquia para evitar improvisações. E, se possível, que eles participem da reunião de preparação e de ensaio.

c) É uma celebração de suma importância e ela poderá ser adaptada, mas não omitida.

d) Providenciar tudo o que for precisar com antecedência: Cruz, Bíblia, Crachá, som e ambiente adequados, etc..

e) Providenciar cópias do Rito para os pré-catecúmenos, para a equipe que estará auxiliando e, também, para o Padre ou presidente da celebração.

f) Durante a celebração dos ritos pede-se que o Padre ou presidente utilize o Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos (RICA) e não manuais digitados.

Chegada

73. Os candidatos com seus Introdutores se houver, ou Animadores-catequistas e fiéis podem reunir-se quer fora do limiar da igreja, quer no átrio ou na entrada, ou em uma parte apropriada da igreja ou, conforme as circunstâncias, em outro lugar fora do templo. Quem preside, revestido para a celebração, aproxima-se deles, se for oportuno, cantam um salmo ou um hino apropriado.

Saudação e Exortação

74. Quem preside saúda cordialmente os candidatos. Dirigindo-se a eles e a todos os presentes, expressa alegria e ação de graças da Igreja e lembra aos introdutores e amigos a experiência pessoal e o censo religioso que levaram os candidatos, em seu itinerário espiritual, à celebração da etapa deste dia. Em seguida, convida os introdutores ou Animadores-catequistas e os candidatos a se aproximarem. Enquanto se colocam diante de quem preside, convém cantar um canto, por ex., o Sl 62(63),2-9.

Diálogo

75. Quem preside pergunta a cada candidato, se for o caso, seu nome civil. Em razão do número de candidatos, quem preside faz a pergunta uma só vez. Pode fazê-lo deste modo ou de outro semelhante:

Qual o seu nome?

O candidato:

Nome.

Cada um dê a resposta, mesmo se quem preside fizer a pergunta uma só vez em razão do número dos candidatos. Se for possível, quem preside chama pelo nome cada um dos candidatos, que responde:

Presente.

As outras perguntas podem ser feitas todas ao mesmo tempo. Quem preside:

Que pedes à Igreja de Deus?

O candidato:

A fé.

Quem preside:

E esta fé, que te dará?

O candidato:

A vida eterna.

Primeira adesão

76. Quem preside:

A Vida Eterna consiste em conhecermos o verdadeiro Deus e Jesus Cristo, que Ele enviou. Ressuscitando dos mortos, Jesus foi constituído por Deus, Senhor da vida e de todas as coisas, visíveis e invisíveis. Se vocês querem ser discípulos seus e membros da Igreja, é preciso que vocês sejam instruídos em toda a verdade revelada por Ele; que aprendam a ter os mesmos sentimentos de Jesus Cristo e procurem viver segundo os preceitos do Evangelho; e, portanto, que vocês amem o Senhor Deus e o próximo como Cristo nos mandou fazer, dando-nos o exemplo. Cada um de vocês está de acordo com isso?

Os candidatos:

Estou.

77. Quem preside, voltando-se para os introdutores ou Animadores-catequistas e os fiéis, interroga-os com estas palavras ou outras semelhantes:

Vocês, Introdutores ou Animadores-catequistas, que nos apresentam agora estes candidatos, e vocês, nossos irmãos e irmãs aqui presentes, estão dispostos a ajudá-los a encontrar e seguir o Cristo?

Todos:

Estou.

82. Quem preside, de mãos unidas, diz:

Pai de bondade, nós vos agradecemos por estes vossos servos e servas, que de muitos modos inspirastes e atraístes. Eles vos procuraram, e responderam na presença desta santa assembléia ao chamado que hoje lhes dirigistes. Por isso, Senhor Deus, nós vos louvamos e bendizemos.

Todos respondem, dizendo ou cantando:

Bendito seja Deus para sempre.

Assinalação da fronte e dos sentidos

83. Quem preside convida os candidatos (se forem poucos) e seus introdutores ou Animadores-catequistas, com estas palavras dizendo o nome:

Cristo chamou vocês para serem seus amigos; lembrem-se sempre dele e sejam fiéis em segui-Lo! Para isso, vou marcar vocês com o sinal da cruz de Cristo, que é o sinal dos cristãos. Este sinal vai daqui em diante fazer que vocês se lembrem de Cristo e de seu amor por vocês.

Os candidatos com os Introdutores ou Animadores-catequistas se aproximam sucessivamente de quem preside (padre ou diácono), que faz com o polegar o sinal da cruz na fronte de cada um, dizendo:

N.: Receba na fronte o sinal da cruz: o próprio Cristo te protege com o sinal de seu amor. Aprenda a conhecê-Lo e a segui-Lo.

(os Introdutores ou Animadores-catequistas também podem assinalar os candidatos).

85. Procede-se à assinalação dos sentidos (esta pode ser omitida): As assinalações são feitas pelos Animadores-catequistas ou pelos Introdutores.

Ao assinalar os ouvidos:

Receba nos ouvidos o sinal da cruz, para que vocês ouçam a voz do Senhor.

Ao assinalar os olhos:

Receba nos olhos o sinal da cruz, para que vocês vejam a glória de Deus.

Ao assinalar a boca:

Receba na boca o sinal da cruz, para que vocês respondam à Palavra de Deus

Ao assinalar o peito:

Receba no peito o sinal da cruz, para que Cristo habite pela fé em seus corações.

Ao assinalar os ombros:

Receba nos ombros o sinal da cruz, para que vocês carreguem o jugo suave de Cristo.

Quem preside, sem tocar nos catecúmenos, faz o sinal da cruz sobre todos ao mesmo tempo, dizendo:

Eu marco vocês com o sinal da cruz: em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, para que vocês tenham a vida eterna.

Os candidatos:

Amém.

86. Pode-se cantar esta aclamação de louvor a Cristo:

Glória a ti, Senhor, toda graça e louvor.

87. Quem preside diz:

Oremos. Deus todo-poderoso, que pela cruz e ressurreição de vosso Filho destes a vida ao vosso povo, concedei que estes vossos servos e servas, marcados com o sinal da cruz, seguindo os passos de Cristo, conservem em sua vida a graça da vitória da cruz e a manifestem por palavras e gestos. Por Cristo, nosso Senhor.

R. Amém.

Entrega do crucifixo

89. Podem-se dar crucifixos ou uma cruzinha para pôr no pescoço, em recordação da assinalação. Ao olhar para ele, se lembrará que Cristo nos ama tanto que deu a vida para nos salvar. O padre ou o diácono abençoa os crucifixos e os Introdutores Animadores-catequistas os coloca nos catecúmenos.

Ingresso na igreja

90. Se o rito de acolhida tiver sido feito à porta da igreja ou outro local, quem preside, com um gesto, convida os catecúmenos a entrar na igreja:

Entrem na igreja, para participar conosco na mesa da Palavra de Deus.

Enquanto isso, canta-se um canto apropriado.

LITURGIA DA PALAVRA

91. O livro das Sagradas Escrituras é trazido em procissão de modo solene e colocado na mesa da Palavra, podendo também ser incensado. Segue-se a celebração da Liturgia da Palavra, conforme a liturgia do dia, até a homilia.

Entrega do livro da Palavra de Deus

93. Depois da homilia, quem preside, entrega aos catecúmenos, com dignidade e reverência a Bíblia, dizendo:

Receba o livro da Palavra de Deus. Que ela seja luz para tua vida.

O catecúmeno poderá responder de modo apropriado à oferta e às palavras de quem preside.

Oração do Creio.

Preces pelos catecúmenos

94. Quem preside:

Oremos por nossos irmãos e irmãs catecúmenos. Eles já fizeram um longo percurso. Agradeçamos pela benevolência de Deus que os conduziu a este dia e peçamos que possam percorrer o grande caminho que ainda falta até participarem plenamente da vida de nossa Igreja.

· A resposta será sempre:

“Senhor, atendei a nossa prece”.

L.: Senhor, que a proclamação e escuta da vossa Palavra revele aos catecúmenos, Jesus Cristo, vosso Filho.

L.: Inspirai, Senhor, os catecúmenos para que, com generosidade e disponibilidade, acolham vossa vontade.

L.: Senhor, sustentai, com o auxílio sincero e constante dos Animadores-catequistas, a caminhada destes catecúmenos.

L.: Fazei, Senhor, que a nossa comunidade, unida na oração e na prática da caridade, seja exemplo de vida para estes catecúmenos.

L.: Senhor, tornai-nos sensíveis às necessidades e aos sofrimentos de nossos irmãos e irmãs, e inspirai-nos gestos de solidariedade.

L.: Senhor, iluminados por vossa Palavra e amparados pela comunidade, estes catecúmenos sejam considerados dignos do batismo e da renovação do Espírito Santo.

Oração conclusiva

Com essa oração, o rito de entrada no catecumenato é concluído e os membros dos grupos passam ao 2º Tempo da Iniciação à Vida Cristã: o Catecumenato.

95. Os catecúmenos se dirigem à frente e se ajoelham diante de quem preside. Este, com as mãos estendidas sobre os catequizandos, diz a seguinte oração:

Oremos. Deus Eterno e todo-poderoso, sois o Pai de todos e criastes o homem e a mulher à vossa imagem. Acolhei com amor estes nossos queridos irmãos e irmãs e concedei que eles, renovados pela força da Palavra de Cristo, que ouviram nesta assembleia, cheguem pela vossa graça à plena conformidade com vosso Filho Jesus. Que vive e reina para sempre.

T.: Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

Segue a Liturgia Eucarística como de costume. Por questões pastorais, por gerar constrangimentos, os catecúmenos não serão despedidos neste momento [cf. RICA, Introdução, n.º 19, §3].

2º TEMPO

Tempo do Catecumenato

1º Encontro - A Bíblia: Palavra de Deus

1) OBJETIVO

Apresentar a Bíblia. A apresentação do tema poderá ser feita por meio de uma dinâmica para ajudar a despertar o interesse. O importante é chamar a atenção para o tema e para o texto-chave.

2) AMBIENTAÇÃO

Acolher com alegria e com palavras amigas e animadoras; e fazer memória dos 04 encontros do Pré-catecumenato e da celebração da entrega da Cruz e da Bíblia.

Obs.: Todos os cantos são do livro: Cantos para as Comunidades.

3) RITO INICIAL

Anim.: Para bem iniciarmos nosso encontro, tracemos na testa o Sinal da Cruz. Jesus ensinou aos seus discípulos a rezar: “Em vossas orações não useis de palavras vãs e nem de muitos palavreados [...]. Vós, portanto, orai assim:

Catecúmenos: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia, dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal, pois teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém!” (Mt.6,7-14)

Canto: A Bíblia é a Palavra de Deus (p. 12, n.º 31).

4) ILUMINAÇÃO BÍBLICA

2Tm 3,14-17.

Utilizar o método da Leitura Orante da Bíblia e criar ambiente e condições dignas para a proclamação da Palavra de Deus.

1. O que fala o texto que acabamos de ouvir?

2. O que o texto diz para mim, para nós?

3. O que o texto me faz dizer a Deus? (Oração)

5- APROFUNDANDO O TEMA

A BÍBLIA: PALAVRA DE DEUS

Hoje falaremos da Palavra de Deus, ou seja, da Bíblia.

A Bíblia é uma palavra de origem grega, que significa “livros”. Ela não é um livro, mas uma coleção de livros. Ela não é um livro científico e não é científica a linguagem com que a Bíblia relata, por exemplo, a criação do mundo e dos homens. Porém, é verdadeiro o que a Bíblia afirma acerca dela, usando para isso a cultura e a linguagem do povo de Israel e, também, a forma como seus sábios compreenderam a revelação de Deus e a relação inicial dos antepassados com Ele.

A Bíblia é um instrumento, uma ferramenta para ser usada na caminhada dos cristãos que querem contribuir com a construção do Reino de Deus.

Ela não é um fim em si mesma, mas um meio de salvação. Não é a Bíblia por si só que salva as pessoas, mas são as pessoas que se salvam quando fazem a experiência de Deus na vida e lutam pelo seu projeto que está estampado na Bíblia. Deus, em sua bondade, nos comunica pela sua palavra contida na Sagrada Escritura, nas realidades criadas por Ele (cf. Sl 8), e nos acontecimentos extraordinários de nossa vida. Com a Bíblia na mão a pessoa vai descobrindo, à medida que vai lendo nas suas páginas, que em todos os fatos, acontecimentos ali narrados, em cada história contada, Deus vai se revelando.

Deus revela-se a Si mesmo e nós o recebemos pela fé. Foi Deus que revelou a sua vontade e a vontade de Deus é a de que o homem seja feliz.

Somos convidados a conhecer, compreender e interpretar a Palavra de Deus a fim de aplicá-la em nossa vida com o objetivo de construir um mundo melhor, segundo a Vontade Divina.

É por essa razão que afirmamos sem dúvidas, que “toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça”. Assim, a pessoa que é de Deus estará capacitada e bem preparada para toda boa obra (2Tm 3,16-17).

“Com efeito, a santa mãe Igreja, segundo a fé apostólica, considera como santos e canônicos os livros inteiros do Antigo e do Novo Testamento com todas as suas partes, porque, escritos por inspiração do Espírito Santo (cf. Jo 20,31; 2Tim. 3,16; 2Ped. 1, 19-21; 3,15-16), têm Deus por autor, e como tais foram confiados à própria Igreja. Todavia, para escrever os livros sagrados, Deus escolheu e serviu-se de homens na posse das suas faculdades e capacidades, para que, agindo Ele neles e por eles, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria.” (DV, n.º 11).

A Bíblia mostra o encontro dos homens com Deus. Ela é a nossa história. É o diálogo entre Deus e os homens e, este diálogo, encontra seu ponto alto na pessoa de Jesus Cristo.

I- ANTIGO TESTAMENTO:

O Antigo Testamento ou Antiga ALIANÇA é composto de 46 livros e são eles:

O Pentateuco: chamados de

a Lei ou Torá:

1) Gênesis: Origem do mundo e das Alianças.

2) Êxodo: Saída do povo de Israel do Egito.

3) Levítico: Lei dos sacerdotes da tribo de Levi.

4) Números: Contagem do povo, recenseamentos.

5) Deuteronômio: Segunda Lei, normas básicas que devem seguir uma sociedade justa e fraterna.

Os Históricos

Os Livros Históricos mostram os diversos momentos da vida do povo de Israel na Terra Prometida e no Exilo: suas grandezas e lutas, e as consequências de sua fidelidade ou infidelidade ao Deus da Aliança. São eles: Josué, Juízes, Rute, I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, Esdras, Neemias, Tobias, Judite, Ester e I e II Macabeus.

Livros Sapienciais

Os livros Sapienciais representam a reflexão de Israel a partir da experiência concreta da vida. Eles contêm os dizeres, os Cânticos, os poemas, os saberes e as orações deste povo. São eles: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Eclesiásticos.

Livros Proféticos

Os profetas têm um papel considerável no desenvolvimento religioso de Israel. Eles mantêm e guiam o povo na sua caminhada no projeto de Deus. Eles criticam e combatem as injustiças, a opressão das estruturas políticas, econômicas e religiosas. Exigindo mudanças radicais. Eles, também, são anunciadores da consolação e da esperança no Senhor. São estes: Isaias, Jeremias, Lamentações, Baruc, Ezequiel, Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Abacuc, Sofonias, Agel, Zacarias e Malaquias.

“Tudo o que outrora foi escrito, foi escrito para nossa instrução, para que, pela constância e consolação que nos dão as Escrituras, sejamos firmes na esperança.” (Rm 15,4)

II- NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento ou NOVA ALIANÇA é composto de 27 livros, e narram à revelação feita diretamente por Jesus Cristo. Sua mensagem central é o próprio Filho de Deus, “ultimamente, nestes dias, falou-nos pelo Filho” (Heb 1,1-2). Jesus nos revela o Pai (cf. Jo 1,1-18).

No Novo Testamento a Palavra de Deus encontra seu maior vigor e expressão (cf. Rm 1,1-16). Sobressaem os Evangelhos, que são: Mateus, Marcos, Lucas e João. Neles estão presentes a vida e missão de Jesus Cristo, que é Deus e é Homem. Por sua palavra e ação, inaugurou a Nova Aliança ou o Reino de Deus.

Jesus não deixou nada escrito, Ele pregou, ensinou e colocou em prática a vontade de Deus, fazendo com que Ele entrasse em conflito com a estrutura da sociedade, que o perseguiu, prendeu e o matou. Mas, Jesus Ressuscitou e enviou o Espírito Santo aos seus seguidores, ou seja, aos Apóstolos e aos Discípulos. E estes continuaram a sua missão. Após a ascensão de Jesus, continuaram a pregação do Reino, sob a inspiração do Espírito Santo, transmitindo e testemunhando com fidelidade. Foram os Apóstolos e Discípulos que escreveram o que encontramos no Novo Testamento. São deles os demais escritos do Novo Testamento: Atos dos Apóstolos, Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses, I e II Timóteo, Tito, Filémon, Hebreus, Tiago, I e II Pedro, I, II e III João, Judas e Apocalipse. “Pois a palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4,12). “Agora, entrego-vos a Deus e à Palavra da sua graça, que tem poder para edificar, e dar a herança a todos os que foram santificados” (At. 20, 32).

Livros Deutero-Canônicos

A Bíblia foi escrita em três línguas diferentes: hebraico, aramaico e grego. Com o tempo, foi sendo copiada, recopiada e traduzida para diferentes comunidades. Entre os anos 210 a 150 a.C., foi realizada a tradução do hebraico para o grego. A muito conhecida “Tradução dos Setenta”, que além dos 39 livros do Primeiro Testamento, acrescentou mais 07: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, I e II Macabeus e Baruc.

As Bíblias dos Protestantes não contêm esses 07 livros, porque segue a lista dos livros da Bíblia Hebraica. Pelos anos 400 d.C., São Jerônimo traduziu a Bíblia para o latim e acrescentou os 07 livros da “Tradução dos Setenta”, também chamados de “Deutero-Canônicos”, isto é, da Segunda Lista. A Bíblia de São Gerônimo, chamada Vulgata (vulgos: popular, vulgar), passou a ser a tradução oficial da Igreja Católica. Com o tempo, outras traduções foram surgindo, facilitando o acesso de todos cristãos à leitura da Bíblia. Além dos livros canônicos, existem também os chamados “Apócrifos” (do grego, coisas escondidas). São livros úteis, mas não foram considerados divinamente inspirados.

É preciso ir além do conhecimento da Palavra de Deus; colocá-la em práticas transformadoras, ligando o conteúdo da fé com a vida e despertando atitudes de mudança de vida. Deste modo, será possível, pouco a pouco, sair de si e ir ao encontro de Deus e do outro.

6) PARTILHA FRATERNA

· O que este encontro despertou em mim ou que ensinamentos me trouxeram?

· Como posso aplicá-lo na minha vida para me tornar mais humano, mais justo, mais solidário, servidor?

7) RITO FINAL

O Catequista estende as mãos sobre todos, enquanto faz a oração. Pode pedir para que se inclinem para receber a bênção.

Oração: Que o Senhor abra vosso coração à Sua Palavra. Que a sua luz possa dar sentido e rumo para vossa vida; que nela vós encontreis coragem, esperança e, principalmente, aprendais a amar. Aumentai a fé desses vossos filhos, para que vivais mais intensamente a vida, que consiste em vos conhecer e a vosso Filho que enviastes.

T.: Amém!

Anim.: Que o Senhor seja a vossa força e a vossa luz. Que o Espírito Santo vos ilumine. Em nome do Pai...

T.: Amém!

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe!

T.: Amém!

Canto: Por causa de um certo Reino... (p.113, n.º 585).

ESPIRITUALIDADE

A Oração Cristã – Parte I

Depois da breve introdução no Informativo do mês passado, agora podemos entrar no tema da oração propriamente dito.

Sempre a pergunta que nos retorna é... O que é orar? No mês passado sinalizamos algumas coisas, demos algumas pistas e neste mês, podemos aprofundar um pouco mais. Com certeza, orar, não é o aperfeiçoamento por meio de técnicas e esforços psicológicos, embora muitos se prendem hoje nestes fenômenos, para poder certificar que sua oração foi boa, ou que teve algum êxito, alguns buscam isso, até mesmo se prendem ao mero sentimentalismo, arrepios, entre outros para certificar a validade de sua oração. Enquanto estivermos presos a isso, significa que ainda não entramos propriamente na atmosfera da oração, nem mesmo conseguimos iniciar os primeiros degraus da mesma.

Precisamos antes de tudo, termos a consciência de que a oração cristã se apoia na experiência de Deus na vida e na ação que me leva a um compromisso. É isto que irá me comprometer como discípulo(a) do Senhor. Não há espírito de oração sem a prática da oração. E, quando nos referimos à oração o fazemos, evidentemente, no sentido próprio da palavra: a atividade humana pela qual nos relacionamos com Deus de modo exclusivo. Orar é uma forma de reconhecer que o mundo está essencialmente, vinculado a Deus, que nós somos ligados a Deus de modo absoluto. Quem reza, portanto, dirige-se à sua origem, à sua fonte primordial (Deus). O homem é o único ser capaz disso. Motivo pelo qual orar é um atividade específica do homem, de mais ninguém.

Deus existe independente de nós. Sou eu quem preciso de Deus, e preciso cada dia mais. Mas, para que se torne Deus em nós, para que se torne meu Deus e nosso Deus, é preciso que consintamos. Esse consentimento é o que se chama: ORAÇÃO. No momento que deixamos Deus se tornar Deus em nós, nesse momento acontece o encontro. A oração é, portanto, o encontro entre nós e Deus. “Rezar é pensar em Deus amando-O”. Pensar em Deus sem amá-Lo não é oração, mas simplesmente reflexão. A verdadeira oração é a expressão normal da procura de Deus por meio do conhecimento e do amor. Aqui também nos referimos a todas as formas de oração: privada, comunitária, participação nos sacramentos e na liturgia. Os diversos métodos e formas de oração possuem essencialmente as mesmas características e exigências: a resposta de amor ao amor que Deus nos dedica.

Toda tentativa de tomar consciência da presença de Deus em mim é oração.

Santa Teresa d'Avila ensinou que orar é entrevistar-se amorosamente com Deus, é uma relação de amizade com Aquele que sabemos que nos ama. Para Bernardo, “oração é o esforço de comunicação consciente com Deus”.

Oração é esforço: é uma opção efetiva de minha vontade. Por isso, é empenho, inciativa perseverante. Nunca automatismo vazio. Oração é esforço de comunicação: de relacionamento, de diálogo, de troca, de ligação, de intervida entre nossa imanência e a transcendência de Deus.

Oração é esforço de comunicação consciente: intencional, proposital, conhecido e querido. Só assim sem torna reza. É esforço de comunicação consciente com Deus: com Alguém diverso de nós e diverso dos outros. A oração de Jesus sempre foi encontro. Disso temos vários relatos nos santos evangelhos. Jesus estava sempre se relacionando, percebemos isso pelos afetuosos encontros com o Pai: “Pai eu te agradeço.” “Meu Pai se é possível, afasta”... “eu te bendigo Pai”... Aí está, caríssimo irmão, a permanente inspiração do orante autêntico. Fazer da oração sempre um ENCONTRO.

Anselm Grun, no livro A oração como encontro, bem nos evidencia isso. “O homem chega a si mesmo somente no encontro. No encontro com o tu, com o tu do homem, mas também com o tu de Deus. O encontro é um acontecimento que transforma aqueles que se encontram. Depois de um encontro, passamos a ser diferentes de como éramos antes. Mas o processo de encontro não é fácil de ser apreendido conceitualmente. É sempre um mistério. Em um encontro verdadeiro chego sempre ao mistério da minha própria vida, ao mistério do outro e ao mistério de Deus.”

Padre Cleverson Alves

Pároco da Paróquia Nossa Senhora Aparecida

Francisco Alves – PR

Mestre em Teologia Espiritual Pontifício Instituto Teresianum – Roma

FORMAÇÃO LITÚRGICA

Quaresma na Liturgia

Quaresma, que deriva da palavra “Quadragesimae”, é um período privilegiado de preparação de quarenta dias [para a Páscoa]. Na Igreja Antiga, este era o tempo no qual os catecúmenos (pessoas que se preparavam para receber o Batismo) participavam da primeira “parte da Santa Missa” (liturgia da Palavra) e se retiravam durante a liturgia Eucarística para receberem as últimas formações a respeito da vida cristã. Os catecúmenos deveriam entregar-se a uma catequese mais intensa e aos exercícios de oração e penitência. Pouco a pouco, todos os cristãos começaram a participar também deste clima, tanto para unir-se aos catecúmenos, como para renovar em si a graça de seu próprio batismo, preparando-se para a santa Páscoa, na qual, na Santa Missa da Páscoa, faziam esta renovação. Durante quarenta dias a Igreja se une a Cristo no deserto, com o intuito de preparar a festa maior: a Páscoa.

O Concílio Vaticano II recomenda que: "a penitência quaresmal não seja somente interna e individual, mas também externa e social. E a prática penitencial, segundo as possibilidades do nosso tempo e das diversas regiões, como também consoante às condições dos fiéis, incentivada e recomendada” (SC 110).

Celebrar a Eucaristia no tempo da Quaresma significa:

a) percorrer, juntamente com Cristo, o itinerário da provação que pertence à Igreja e a cada homem;

b) assumir mais decididamente a obediência filial ao Pai e o dom de si aos irmãos, que constituem o sacrifício espiritual.

Assim, renovando os compromissos do nosso Batismo na noite pascal, poderemos "fazer a passagem" para a vida nova de Jesus-Senhor ressuscitado, para a glória do Pai, na unidade do Espírito.

Como ficam as Solenidades e as Festas no Tempo da Quaresma?

As solenidades e as festas (por exemplo, Cátedra de S. Pedro Apóstolo, 22 de Fevereiro) tem precedência sobre as férias da Quaresma. No caso em que a solenidade de São José (19 de março) e da Anunciação do Senhor (25 de março), como outras possíveis solenidades inscritas no Calendário particular - coincidirem com os Domingos da Quaresma, antecipa-se sua celebração para o sábado. Uma solenidade que eventualmente cair nos dias da Semana Santa, transfere-se para o primeiro dia livre após a oitava de Páscoa. As memórias obrigatórias que acidentalmente caírem na Quaresma consideram-se e celebram-se como "memórias facultativas".

Na prática, pode a "memória" encontrar lugar na Missa da féria, substituindo a Coleta (Oração do Dia, antes da Liturgia da Palavra) dessa Missa pela do Santo, contanto que não ocorra na Quarta-feira de Cinzas ou em uma féria da Semana Santa.

Como fica o Glória e o Aleluia no Tempo da Quarema?

Na Missa do Tempo da Quaresma não se diz o Glória; omite-se o Aleluia no canto da Missa e, em particular, na aclamação do Evangelho: é substituído por uma aclamação a Cristo Senhor.

Qual a Cor Litúrgica própria desse Tempo?

A cor litúrgica no Tempo da Quaresma é o roxo.

E como ficam as palmas no Tempo da Quaresma?

Bem, na verdade as palmas não fazem parte da Santa Missa, nem é gesto litúrgico reconhecido pela Igreja. Os gestos litúrgicos são: ficar de joelhos, sentado e em pé como podemos verificar no Missal Romano. Assim não devemos bater palmas em nenhuma Missa (nem na hora do Glória, nem do Santo). Ora, se não devemos bater palmas em momento algum na Santa Missa no Tempo Comum, menos ainda no Tempo da Quaresma, que é um tempo de austeridade, penitência e preparação para a Páscoa, tempo em que devemos nos abrir aos irmãos na prática do amor, nos aproximar mais de Deus e jejuar mais ou nos abster de algumas coisas em sinal de despojamento.

O uso da cruz como símbolo religioso em tempos anteriores ao cristianismo e entre povos não cristãos pode ser considerado quase universal e, em inúmeros casos, estava relacionada a alguma forma de adoração da natureza, usada como símbolo sagrado, por exemplo, na suástica ou cruz gamada, que, em diversas religiões, em especial no hinduísmo, simboliza o fogo ou o sol (por sua rotação diária), bem como o relâmpago, e no anjkh egípcio, que é símbolo da vida.

Veja como levou tempo para a Cruz assumir este lugar de destaque em nossa fé, assim também aconteceu com a Bíblia, pois somente durante o século IV, houve maior necessidade de codificar oficialmente a Bíblia, praticamente na mesma época que a Cruz toma sentido mais concreto na vida dos cristãos. Segundo alguns historiadores a motivação para definir o cânone oficial veio do imperador Constantino, que encomendou do bispo de Constantinopla 50 cópias das Sagradas Escrituras. Sabemos que a aprovação dos livros a serem incluídos começou com o Concílio de Laodiceia, em 363, e continuou quando o Papa Dâmaso I confiou a São Jerônimo a tradução das Escrituras ao latim, em 382, ficando definitivamente estabelecida durante os Sínodos de Hipona (393) e Cartago (397). Era preciso descartar todas as obras errôneas que circulavam na época e instruir as igrejas locais sobre os livros que podiam ser lidos na Missa.

Este longo processo de reconhecimento dos sinais sagrados, Cruz e Bíblia, sempre foi guiado pelo Espírito Santo, e hoje a Igreja atesta como sagrados e canônicos os livros do Antigo e do Novo Testamento, inteiros e completos, com todas as suas partes, considerando a Deus como seu autor que utilizou de homens para escrevê-los.

Vale dizer que no RICA, durante a etapa da Preparação, uma catequese sólida dos conteúdos da fé cristã é aplicada, e em uma celebração o candidato, assumindo mais concretamente sua adesão à fé e a comunidade, recebe a Bíblia, palavra de Deus que orienta nossa vida.

Tenhamos a coragem de sinalizar ao mundo nossa opção pela Verdade, e por meio da Cruz e da Bíblia possamos viver nossa fé no Cristo Vitorioso!

Paz e Bem!

Pe. Othon Etienne

Pároco da Paróquia Santa Clara de Assis

Umuarama – PR

[othonetienne2001@hotmail.com](mailto:othonetienne2001@hotmail.com)

VOCAÇÃO

INTRODUTOR, UMA VOCAÇÃO DE RELAÇÃO DE AJUDA PARA ENCONTRAR E SEGUIR A JESUS CRISTO.

À luz do documento da CNBB (n.º 107) - Iniciação À Vida Cristã: Um Processo de Inspiração Catecumenal (n.º 127-130), o Introdutor à Vida Cristã, trata-se de uma pessoa que tem uma tarefa específica no início do processo de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal, isto é, a de acompanhar, durante o tempo do Pré-catecumenato os interessados em percorrer o caminho da Iniciação. É esta pessoa que prepara o iniciando para acolher na liberdade o dom da fé, o anúncio da Boa Nova para assumir o encontro pessoal com o Senhor e as condições para a conversão e a fidelidade. Com um Introdutor, dedicado e competente, tornar-se mais fácil o processo de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal. É ele quem coloca as bases para o segundo tempo, o Catecumenato propriamente dito.

Além disso, sobre este ministério do(a) introdutor(a) podemos dizer que é alguém “que conhece o interessado, ajuda e é testemunha de seus costumes, fé e desejo” (n.º 42). Junto com a comunidade, ajuda-os “a encontrar e a seguir a Cristo” (n.º 77). Trata-se de um ministério de “ajuda”, semelhante ao dos padrinhos. Por isso, o documento afirma que todos os membros da comunidade são missionários, mas especialmente os “introdutores” devem cuidar do querigma (n.º 159). Por isso que, na comunidade, quem exerce o ministério de “Introdutor” faz um acompanhamento personalizado, orientando os primeiros passos de quem deseja se aproximar da fé cristã (n.º 160).

Neste sentido, a importância de desenvolver a consciência sobre a necessidade deste ministério nas comunidades da Igreja no Brasil. Além da formação doutrinal e bíblica, devem ter sensibilidade para ser verdadeiros companheiros do iniciando que estiver orientando (idem.) considerando a situação de cada um dos candidatos à Iniciação à Vida Cristã, tendo “as situações históricas e às aspirações autenticamente humanas como primeiros sinais a que se deve prestar atenção para descobrir o desígnio de Deus sobre os homens” (n.º 161).

No entanto, isso somente será possível em uma relação de proximidade, cordialidade e escuta. Santo Agostinho orientava os evangelizadores e catequistas a procurarem conhecer, com antecedência, a vida de quem procura a fé, especialmente “seu estado de espírito e as causas que o induziram a vir a receber a religião” (n.º 161). Neste ministério, a igreja aponta a valiosa cooperação daqueles que fizeram a experiência de serem introduzidos tais como: Os seminaristas, os candidatos ao diaconato e à vida consagrada precisam ter a oportunidade de conhecer e experimentar o processo de Iniciação à Vida Cristã. Com isso, pode realizar um “verdadeiro encontro pessoal com Jesus Cristo na oração com a Palavra, para que estabeleçam com Ele relações de amizade e amor, assegurando um autêntico processo de iniciação espiritual”. Seria de grande proveito que em alguma etapa da formação, o candidato fizesse a experiência de ser catequista e/ou introdutor (n.º 232).

Com as palavras do Papa Francisco, concluímos, suplicando: “Virgem e Mãe Maria... Dai-nos a santa ousadia de buscar novos caminhos para que chegue a todos o dom da beleza que não se apaga. [...] Mãe do Evangelho vivente, manancial de alegria para os pequeninos, rogai por nós” (n.º 248).

Ir. Dirce Gomes da Silva – Icp

Coordenação Diocesana SAV/Pastoral Vocacional

ESCOLA TEOLÓGICA

ISTO É VIDA

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”

(Jo 10,10).

Abundância nos lembra de plenitude, totalidade, saciedade, profundidade. É abundante a vida que realiza plenamente os desejos, aspirações e necessidades da pessoa. É plena a vida que preenche os vazios, as carências e responde os “porquês” e dá sentido à existência.

A vida é dom de Deus, por isso, só n'Ele pode ser vivida verdadeiramente. Para conhecê-la é preciso fazer a experiência de intimidade profunda com Ele. Quando se está a sós com Ele, quando se é envolvido pela Sua presença absoluta, quando se mergulha na contemplação em que Ele toma posse da gente, então espontaneamente se exclama: “Isto é vida”. Vida na sua realidade pura, na sua originalidade e simplicidade. É verdadeira porque é a vida de Deus em nós sem mediações. Vive-se então aquele estado de espírito de inefável paz, de sentimento de serenidade e quietude em que cessam as ansiedades e vazios existenciais. “Só se sabe o que se experimenta”. Por isso sabe o que é vida quem vive o encontro pessoal com o Senhor.

É fecunda a vida que é partilhada. O egoísmo é planta estéril, é aquela que ocupa terreno inutilmente e não produz frutos. Vida é amor, partilha, fraternidade, testemunho. O Samaritano da parábola nos ensina o que é vida porque usou de misericórdia, desceu do seu conforto e partilhou seu tempo, seus bens e socorreu o caído à beira do caminho. O seu coração, as suas entranhas se comoveram. Compaixão é “padecer com”. A vida dos dois que passaram adiante, indiferentes, é seca, infecunda e sem sentido. Ela só tem sentido quando colocada a serviço, quando o coração se abre ao outro. O Ressuscitado veio trazer-nos vida em abundância não para ser desfrutada egoisticamente em próprio proveito, mas oferecida como Ele fez.

Algumas figuras referenciais na Igreja dos nossos tempos ilustram com sua vida e exemplo essa dimensão de entrega, de amor ao próximo, de vidas oferecidas em serviço como fez Cristo. São ícones de vida em plenitude. Logo lembramos Zilda Arns que ao criar as Pastorais da Criança e da Pessoa Idosa promoveu a vida de milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade, fragilidade, subnutrição. A sua formação e experiência de médica são colocadas inteiramente a serviço dos menos favorecidos. Motivou e envolveu na missão as mais diferentes categorias de pessoas, tanto pobres como ricos na “busca da Vida Plena para todos”. “Fez o que sempre falou: congregou mais pessoas para se unirem na busca de “vida em abundância” para crianças e gestantes pobres e idosos”. Surge também a imagem amável da recém-canonizada nossa irmãzinha Santa Dulce dos pobres. Consumiu sua vida no cuidado aos pobres, sujando os pés na poeira das ruas da cidade onde recolhia os abandonados oferecendo condições de vida digna. E dizia: “Se houvesse mais amor, o mundo seria outro; se nós amássemos mais, haveria menos guerra. Tudo está resumido nisto: Dê o máximo de si em favor do seu irmão e, assim sendo, haverá paz na terra”.

Isto é Vida.

Frei Justino Felix Stolf, OFMCap.

Diretor da Escola Diocesana de Teologia São João XXIII

ASSUNTO DE FAMÍLIA

MULHERES-MARAVILHAS

As mulheres são a essência que perfumam o mundo. Se aqui estamos é porque fomos embalados e carregados em um ventre. Elas carregam em si o papel de harmonizar os corações e possuem uma força extraordinária para dar conta de tanta coisa. Existem mulheres de todos os tipos, há as loiras, brancas, índias, as negras, as ruivas, as mães, as donas de casa, as solteiras, as casadas, as viúvas, as empresárias, as que calçam 35 e as que calçam 42. Ainda, há as baixinhas, as religiosas, as magrinhas, as políticas, as mais sérias, as mais sorridentes, as professoras, as cozinheiras, as advogadas, as médicas, as que lutam pelos direitos de todos e por justiça, e as que dão duro no dia a dia no trabalho e ainda precisam dar conta da casa. Há as que gostam de flores, e outras, que detestam. Somos agraciados por termos essa diversidade feminina, cada qual com sua essência e seu esplendor.

Há aquelas que fazem do lar um lugar de aconchego e que os filhos buscam em seu colo toda a proteção e carinho. É muito interessante que para a criança o colo cura tudo, seja ele uma doença do corpo ou da alma. Quando a criança se sente ameaçada ela corre para o colo e ali parece encontrar um profundo remédio que consolar as lágrimas e a dor. O colo feminino é um grande hospital que consola os corações feridos, que sustentam muitos homens que se bancam de machões e fortões. Muitas delas são os pilares de sustentação de uma casa, e muitas vezes, são elas a primeira escola dos filhos. Quem nunca pensou assim: “Pode falar de tudo, só não mexe com minha mãe”.

Há outras mulheres que possuem tanta ternura e docilidade que a sua presença é fonte de paz e segurança. Há também aquelas que em meio a trancos e barrancos engolem as lágrimas e têm que dar conta de muita, mas muitas coisas. Ainda, existem mulheres que passam fome ou deixam de comprar as coisas para elas para darem para os filhos. Há aquelas que se arrumam bastante, que usam salto alto e passam um batom bonito. Outras já usam seus chinelos e seus cabelos jogados ao vento, devido às condições que possuem. Cada mulher carrega dentro de si uma grande história, uma grande luta e uma enorme fortaleza.

Existem aquelas que, infelizmente, passam por momentos de abandono e violência. Não são olhadas e cuidadas, sendo machucadas por muitos homens. A sociedade tem uma dívida grande com as mulheres. Muitas delas passam por exclusões e rejeições. São vistas como inferiores. Digo uma coisa, os homens não devem ser antagônicos das mulheres, como se fossem opostos, adversários, querendo provar todas as diferenças, mas sim serem complementos. Não devem ser aqueles que separam e dividem, mas sim aqueles que somam, que carregam dentro de si um profundo respeito, pois um dia foi carregado dentro de uma mulher. É pela mulher que há vida. O que seria do mundo sem as mulheres?

As mulheres não precisam que tenhamos dó delas, elas não são “coitadas” e nem inferiores a ninguém, pelo contrário, necessitam de um profundo reconhecimento pelo seu papel, dons e talentos que exercem e por tudo que são.

Ora são suaves como as pétalas, outrora fortes como os espinhos e flexíveis como os bambus. São elas que com olhar afetuoso e com os braços acolhedores que sustentam tantas necessidades do mundo. O peito de uma mulher é um dos melhores travesseiros que podemos reclinar a cabeça e sentir a pureza do profundo amor. Como já disse, o colo cura.

Não há palavras para dimensionarmos o que a mulher representa, mas quero aqui dizer: Parabéns a todas as mulheres, por serem referência de luta, de amor e afeto. Por gestarem em seus úteros a humanidade, mas também, por muitas vezes, gestarem em seus corações aqueles que estão aflitos. Valorize quem vocês são! Felizes aqueles que têm uma mulher por perto. É muita gratidão por serem amigas, esposas, companheiras, mães, patroas, funcionárias, filhas, irmãs... Vocês são as mulheres-maravilhas!

Lucas Botta Antonelli

Psicólogo Clínico Especialista em Psicoterapia Psicanalítica - CRP 08/21088

lucas.botta@hotmail.com

ECOLOGIA INTEGRAL

O PLANETA DOS NOSSOS SONHOS

O colunista Aldo Fornazieri, do portal Brasil247, em seu artigo de 09.10.2019, com o título “Ladrões de sonhos. Ladrões de vidas”, chamou-nos a atenção para a percepção da juventude sobre a questão ambiental e seu impacto na reunião da ONU em setembro último.

Foi um espetáculo global! No evento sociopolítico em que os discursos tentam esconder a omissão e a conivência com a destruição ambiental, a juventude se postou em um contraste avassalador contra a mediocridade, a hipocrisia e a decadência de líderes políticos que se proliferam hoje em quase todos os países, sem atitudes e sem visão de suas responsabilidades perante a humanidade.

Foi o grito de desespero da vida que queimava na Amazônia, da vida sendo destruída nos fundos dos mares, da vida roubada nas periferias das grandes cidades e do mundo, foi o grito da biodiversidade, dos ecossistemas que estão sendo destruídos, como bem destacou Fornazieri. O recado foi enfático: vocês, autoridades e mandatários, por omissão ou conivência, estão roubando os sonhos, nossos futuros e das próximas gerações.

E por que toda essa reação e rebeldia dos jovens? Porque as metas ambientais das conferências internacionais da ONU não estão sendo cumpridas, apesar das lideranças mundiais reconhecerem que são exequíveis e necessárias para o equilíbrio mínimo do planeta.

O grito dessa juventude inquieta e atenta tem que chegar também aos ouvidos de cada um de nós. Seria omissão de nossa parte não nos questionarmos como está nossa relação com a ecologia. Afinal, todos nós somos parte dela. A superação da crise ambiental passa por mudanças de hábitos de consumo, de destinação daquilo que não nos serve e deve ser descartado, requer compromisso e amor à natureza.

A separação do lixo, o destino correto do descartável, o reaproveitamento do possível devem ser tarefas de todo dia.

Mas é preciso ver ainda se nossa cidade tem aterro sanitário. Executivo e Legislativo podem explicar e, quando não explicam, a tarefa é com o Ministério Público. Trata-se apenas do exercício da cidadania e também do ser cristão.

Vale lembrar que a crise é fruto de um modelo de produção predatória, na qual a exploração econômica desconsidera a sustentabilidade dos recursos naturais e as consequências sociais, ambientais em suas ações. Uma concepção errada e distorcida da relação do ser humano com a natureza e pessoas entre si.

Esse desvio nas relações humanas é fruto e se reproduz na apropriação brutal e desigual dos recursos naturais como a água, o petróleo, o ouro e outras pedras, as plantas medicinais e tantos outros bens que a natureza generosamente oferece à humanidade e que alguns, pela ganância, luxúria e outros pecados capitais, apropriam-se e esbanjam.

Quando as projeções científicas apontam para maiores ocorrências de enchentes, furacões, secas regionais, falta de água e comida em decorrência das nossas atitudes, sem tirar nossas responsabilidades individuais e coletivas, competem especialmente aos governantes, legisladores e aos donos e gestores das corporações empresariais assumirem e cumprirem seus compromissos em vista da proteção da Casa Comum.

Paulino Alves de Almeida

Comunidade São Miguel, Setor 12, Paróquia São Francisco de Assis.

È um dos representantes da Mitra Diocesana no CMMA -

Conselho Municipal de Meio Ambiente de Umuarama.

[paulinoalmeida@gmail.com](mailto:paulinoalmeida@gmail.com)

VARIEDADES

Oração da Pascom

Senhor Jesus, tu que escolheste doze homens e tirou deles o que tinham de melhor em seus corações e, com isso, todos se sentiram amados e úteis no projeto de anunciar a boa nova e a verdade, faça-nos como seus doze escolhidos: homens e mulheres comprometidos na anunciação da boa nova e instrumentos de ligação entre sua igreja e todos, sem distinção, separações, medos e preconceitos. Ajudai-nos a ser o elo entre movimentos, pastorais e veículos de comunicação do mundo moderno e globalizado, existentes ao nosso alcance, em nossa paróquia e em nossa diocese. Assim, cada vez mais a palavra e a boa nova sejam levadas a todos os cantos de nossas comunidades, para honra e glória do Seu nome. Amém!

PASTORAL DA COMUNICAÇÃO (PASCOM)

Caros leitores, com este artigo desejo despertá-los para a importância da pastoral da comunicação para a nossa Diocese, paróquias, pastorais e movimentos.

“A palavra se fez carne” (Jo 1,13a).

“O que vimo e ouvimos nós vos anunciamos” (1 Jo1,3a).

O QUE É PASCOM?

A Pastoral da Comunicação e comunhão é o elo entre todos os eventos, pastorais, movimentos, associações existentes na comunidade, bem como com os meios de comunicação que existem fora da comunidade (jornais da cidade, rádios, TVs, etc.). Ela não é mais uma pastoral, é quem reforça a comunhão, a pulsação nas atividades e na existência da comunidade, é a presença efetiva de toda a comunidade em todo e qualquer evento.

O QUE NÃO É PASCOM?

Um boletim, um mural, página de Internet, etc., não são a Pastoral da Comunicação, mas, formas utilizadas pela equipe de comunicação. Muitas vezes, reduz-se a Pascom a um desses meios, o que significa prejuízo da qualidade de um trabalho. Todos os meios de comunicação que a comunidade católica possui devem estar abertos a todos.

POR QUE TER UMA PASTORAL DE COMUNICAÇÃO EM SUA COMUNIDADE?

Para fortalecer a comunhão, para que todos tenham conhecimento e possam participar dos eventos da comunidade. Para dinamizar e tornar mais viva e participativa as celebrações. Para divulgar a Paróquia dentro e fora dela. Para chegar mais perto das pessoas, saber utilizar a linguagem adequada para cada meio, para cada tipo de participante. Enfim, para levar a Boa Nova a todos sem distinção, sem separação, sem medos, sem preconceitos.

Temos também um grande empenho dos Bispos no Brasil para que cada comunidade tenha sua Pascom, conforme orienta o documento 59 da CNBB: IGREJA E COMUNICAÇÃO RUMO AO NOVO MILÊNIO, de 1997. (CNBB)

Aparecido Adão Romero

Coordenador Diocesano PASCOM

ACONTECEU NA DIOCESE

Chega em Cianorte a Cruz interna da Paróquia Sagrada Família

A Igreja Matriz Sagrada Família de Cianorte recebe a Cruz interna *vinda da Itália por meio de doação.* O Padre Carlos Antônio Gomes foi o intermediador para a vinda do objeto sagrado.

Uma breve história da doação da Cruz:

Após uma amigável conversa com uma senhora, que reside na Itália, que se encontrava na Cidade de Cianorte, em passeio, e conversando sobre a reforma da Igreja Matriz Sagrada Família, ela decidiu anonimamente doar a cruz interna da igreja. Ela mesma escolheu o escultor aproveitando a sua volta para a Itália. Em conversa com o Rev.mo Pe. Carlos Antônio Gomes decidiu confeccionar a obra com o Escultor italiano Lino Agnini. Ele é mundialmente famoso e fez obras para a Santa Madre Tereza de Calcutá, São João Paulo II, Papa Bento XVI e, há pouco tempo, para o Papa Francisco.

A obra é de notável tamanho. É um crucifixo das dimensões de 4,5 metros de altura e 2 metros de largura. O corpo de Cristo tem uma dimensão de 2,10 metros de altura e uma largura dos braços de 1, 5 metros. O trabalho foi feito de fibra de vidro e decorado em ouro.

Comentários do Papa sobre a Oração Universal:

Rezemos para que a Igreja na China persevere na fidelidade ao Evangelho e cresça na unidade.

1. Nos últimos tempos, circularam muitas vozes contrastantes sobre o presente e, principalmente, sobre o futuro das comunidades católicas na China. Estou ciente de que semelhante tropel de opiniões e considerações possa ter criado não pouca confusão, suscitando sentimentos contrapostos em muitos corações. Nalguns, surgem dúvidas e perplexidade; outros vivem a sensação de ter sido como que abandonados pela Santa Sé e, ao mesmo tempo, colocam-se a questão pungente do valor dos sofrimentos que enfrentaram para viver na fidelidade ao Sucessor de Pedro. Em muitos outros, ao contrário, prevalecem expectativas positivas e reflexões animadas pela esperança dum futuro mais sereno para um testemunho fecundo da fé em terra chinesa.

2. Gostaria que soubésseis que, desde quando me foi confiado o ministério petrino, senti grande consolação ao constatar o desejo sincero que tinham os católicos chineses de viver a sua fé em plena comunhão com a Igreja universal e com o Sucessor de Pedro, que é «perpétuo e visível fundamento da unidade, não só dos Bispos, mas também, da multidão dos fiéis» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm.Lumen gentium, 23). De tal desejo, chegaram-me, no decurso destes anos, numerosos sinais e testemunhos concretos, mesmo da parte daqueles – incluindo Bispos – que feriram a comunhão na Igreja, por causa de fraqueza e de erros, mas também, não poucas vezes, por forte e indevida pressão externa. 6. No plano pastoral, a comunidade católica na China é chamada a estar unida, para superar as divisões do passado que tantos sofrimentos causaram e causam no coração de muitos Pastores e fiéis. Agora todos os cristãos, sem distinção, realizem gestos de reconciliação e comunhão. A este respeito, lembremos a advertência de São João da Cruz: «No ocaso da vida, seremos julgados sobre o amor» (Palavras de luz e de amor 1, 57).

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO AOS CATÓLICOS CHINESES E À IGREJA UNIVERSAL

Francisco 26 de setembro de 2018. https: // [www.popesprayer.va/pt-pt/intencoes-do-papa/Consulte](http://www.popesprayer.va/pt-pt/intencoes-do-papa/Consulte) a mensagem completa: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont‐messages/2018/documents/papa‐ francesco\_20180926\_messaggio‐cattolici‐cinesi.html

CONTRA CAPA

APRESENTAÇÃO DA LOGOMARCA DO JUBILEU

A logo revela a realidade da história da Diocese de Umuarama, nos seus 50 anos de evangelização e sua perspectiva de futuro, nas seguintes imagens:

Número 50

O número 50 é o tempo histórico-kairótico de vivência da fé de todos os diocesanos.

Brasão

É o símbolo da Diocese e, dentro do número 50, mostra que a história dos homens foi abraçada e acolhida pela história de Deus.

Cruz

A cruz significa o sinal dos cristãos e a pregação do evangelho, neste caso, a marca das comunidades que formam a Diocese. É também Jesus sendo pregado e experimentado, desde seu início até os dias atuais.

Chamas

As chamas são os missionários, leigos, padres, diáconos, bispos, freiras, religiosos e religiosas, comunidades, CEBs, movimentos, pastorais, serviços, ministérios etc, que levaram a fé, pela força do Espírito Santo, a pomba, e realizassem esta caminhada.

Estes protagonistas todos, com seus diversos dons, perpassam a cruz de Cristo, saindo dos seus pés, ou seja, o chão da Diocese, e se ligam ao Espírito Santo que impulsiona a todos e vai à nossa frente abrindo novos tempos de evangelização, uma igreja em saída.

Cor vermelha

Ela nos remete à cor da paixão de Cristo e, também, a da Diocese, que evangelizou não sem dificuldades e sofrimentos. Essa cor, ao mesmo tempo nos remete ao dízimo, esforço da fé e de doação de nossas famílias católicas. Lembremos que o coração, imagem do dízimo, é vermelho.

Cor branca

Este branco remete à Eucaristia, a cor da hóstia consagrada, que nos alimentou e nos alimenta na fé cotidiana. O branco da cruz sinaliza a doação total de Cristo que torna nossas vestes brancas para a festa final. O branco da pomba nos remete à pregação da paz e à vida que renasce, como o sinal da pomba da arca de Noé.

Cor dourada

É o jubileu de ouro, que foi escavado em nossa Diocese, ou seja, o povo que foi evangelizado nestes 50 anos e, hoje continua a sua evangelização. Neste sentido, a cor do círculo de fora é o dourado com o branco. A chama é dourado-amarelo-laranja, cores que estão também no brasão da Diocese.

Duas pombas

A do brasão significa o que era a Diocese quando foi criada, pois iluminava e inspirava a ação evangelizadora, que nos trouxe até o presente momento. A pomba que voa sobre a cruz para o infinito nos remete à própria missão da Igreja que é ir mais além. Também faz referência a uma Igreja em saída, que deseja alçar voos corajosos e proporcionar vida onde quer que esteja.